

Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

Comprehensive Longitudinal Study Challenges the Existence of Neonatal Imitation in Humans de Janine Oostenbroek et al.; Re-examination of Oostenbroek et al. (2016): evidence for neonatal imitation of tongue protrusion Andrew N. Meltzoff et al.

O estudo de Oostenbroek foi longitudinal e buscou avaliar a prevalência, tempo e correlatos sociocognitivos da imitação em recém nascidos em sua primeira, terceira, sexta e nona semana de vida. A amostra final foi de 64 infantes dos 106 iniciais. Os modelos sociais utilizados no experimento foram protusão da língua, abertura da boca, rosto feliz e triste; os modelos não-sociais foram de colher saindo de um tubo e uma caixa abrindo; gestos com a mão foram protusão e preensão do indicador; os gestos vocais foram sons “mmm”, “eee” e “clique”. A principal conclusão do experimento foi que, ao contrário do indicado por estudos passados, não há nenhuma evidência que há imitação em nenhum modelo social avaliado, possivelmente se tratando apenas de movimentos aleatórios e os autores sugerem que, por não ser empiricamente comprovado, que os experimentos futuros devem ser modificados ou abandonados.

Dada a controvérsia do experimento, Meltzoff et al. escreveram uma crítica a ele, apontando primeiramente onze inconsistências na forma que o experimento foi montado e executado, sugerindo que não houve um estudo da literatura anterior para o desenvolvimento desse experimento, pois há falhas e desleixos relativamente triviais que certamente enviesaram os resultados. Em um segundo momento, os autores analisaram novamente os dados brutos que Oostenbroek et al. geraram. Aqui, eles notaram que alguns dos modelos estudados não eram possíveis para os infantes imitar por limitações do próprio desenvolvimento – o modelo vocal “eee” por exemplo não pode ser imitado pois o aparato vocal não está desenvolvido suficientemente para emitir tal som.

Com base nas falhas e desleixos encontrados no texto alvo, Meltzoff et al. compartilham cinco recomendações que, para eles, ajudarão futuros estudos da imitação infantil, especialmente aqueles que forem de replicação. São essas sobre (1) o número de modelos usados; (2) o tempo que dura os módulos do experimento; (3) o controle do ambiente físico; (4) o controle do ambiente social e (5) estudo piloto de novos procedimentos. Por fim, os autores terminam seu texto crítica trazendo as três lições gerais que aprenderam com o texto alvo: a importância de uma hipótese null; o direcionamento para uma ciência do desenvolvimento cumulativa e seu avanço no presente e futuro.

The development of imitation in infancy de Susan S. Jones

A Jones teve o objetivo de mostrar que a imitação é apenas uma das possíveis interpretações de uma correspondência comportamental. Ela aparentemente fez um ótimo trabalho de revisão da literatura evidenciando um problema clássico da psicologia: a inconstância entre dados e interpretações; além de evidenciar um problema clássico da ciência atual que é o de replicabilidade.

Acho que eu não poderia concordar mais com ela quando ela aponta que muito possivelmente boa parte das observações feitas em experimentos ao longo dos anos captou algo como comportamento probabilístico dos recém nascidos e apenas quando atingem o primeiro ano que começam a mostrar comportamentos mais complexos, tais como o da imitação, dado o neurodesenvolvimento. Eu também gosto do ponto de vista dela de que nada é tão dicotômico e simples como tem se mostrado no debate desse tópico: é inato, ocorre imitação x não é inato, não ocorre imitação. Existe um espectro de comportamentos e reações dos bebês que podem ser uma forma de anterior do comportamento de imitação.

Um ponto importante também é o que já foi levantado na aula passada, mas revivo ele aqui: neurônios espelho e os estudos exclusivamente do comportamento visual. Como que alguns autores podem afirmar que existe neurônio espelho com base em apenas estudos de um aparato sensorial? A ação é composta por várias coisas, tais como movimento, tato, audição, equilíbrio etc. e não somente a visão, logo, se há neurônios espelho de ação, eles precisam ser estudados para além do comportamento visual. Existe muito trabalho a ser feito aqui.